

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

A BASÍLICA DO SENHOR BOM JESUS DE CONGONHAS DO CAMPO (*).

Numa praia próxima à foz do atual rio Douro, em Portugal, surgiu, no ano 124 de nossa éra, segundo narram velhos cronistas, baseados em secular tradição, certa imagem de Cristo Crucificado, mutilada, à qual faltava o braço esquerdo. Semelhante escultura, que outra lenda atribui ao cinzel de Nicodemos, fariseu converso ao cristianismo e testemunha ocular do drama do Calvário, foi, segundo a mesma versão, encontrada recoberta de algas marinhas, e a seguir piedosamente recolhida a uma igrejinha das vizinhanças, passando a ser nela venerada desde logo como taumaturga. Tempos adiante, acrescenta ainda outra tradição lendária, apareceu o braço esquerdo que faltava, de mistura com madeiros diversos atirados à costa pelo mar. Senhor de Bouças se chamou a princípio essa imagem, por se localizar, na aldeia de igual nome, o convento de monjas beneditinas em cuja capela ficou ela exposta, inicialmente, à veneração dos fiéis. Arruinado o cenóbio em apreço, transferiu-se a devoção para nova sede, construída no século XVI a expensas da Universidade de Coimbra, na milenar povoação denominada Matosinhos, onde se fixou de maneira definitiva, e na qual se construiu, durante o século XVIII, majestoso templo, existente ainda hoje a abrigá-la.

Objetivo de ardentes promessas e romarias de quantos buscam obter lenitivo para as dores físicas e morais, o Senhor de Matosinhos, como se passou a chamar por fim o antigo Senhor de Bouças, é evidentemente preciosa escultura medieval, a datar, provavelmente, do século XIII, segundo opinam os mais eminentes críticos de arte até agora consultados a respeito.

De Portugal, onde é cultuada essa devoção com muito fervor até os tempos atuais, propagou-se ela ao Brasil, no decorrer do século XVIII, trazida por emigrantes lusos que procuravam enriquecimento fácil nas minas de ouro, então descobertas nesse país sul-americano. Diversos templos se ergueram em plagas brasileiras, sobretudo na Capitania de Minas Gerais, durante a segunda metade setecentista, em louvor do Bom Jesus

(*) — Síntese da obra sob o mesmo título, em via de publicação como III volume da série "Brasiliensis Documenta", organizada e dirigida por Edgar de Cerqueira Falcão.

com o título específico do patrono português em questão. Dentre êles distinguiu-se, logo de comêço, o que foi elevado no cimo do Morro do Maranhão, próximo ao Arraial das Congonhas do Campo. Feliciano Mendes, colono lusitano integrado na exploração dos depósitos auríferos mineiros, adoeceu gravemente, e, para livrar-se de seus males, formulou ardente voto ao Senhor de Matosinhos. Atendido pela potestade celestial, acampou no sítio atrás referido e iniciou aí o culto do Salvador, no ano de 1757, chantando preliminarmente singela cruz e suspendendo ao lado dela modesto nicho com a imagem do Crucificado. Em pouco tempo, mercê de esmolas de quantos buscavam igualmente auxílio espiritual no poder de Deus, pôde o humilde devoto, dedicando-se inteiramente ao serviço do Senhor, para isso obtendo licenças especiais das autoridades eclesiásticas e civis, levantar magnífica igreja, que, no decurso dos sessenta anos subseqüentes, os mais reputados artistas da época vieram a engalanar de esplêndidas obras primas. Guarda-se ainda hoje a memória de todos aquêles que trabalharam nessa empreitada soberba. Entre os pedreiros figuram, por ordem cronológica das atividades desenvolvidas, Antônio Rodrigues Falcato, Domingos Antônio Dantas, Francisco da Conceição, Francisco de Lima Cerqueira, Tomás da Maia Brito e Domingos Ferreira da Costa, afora inúmeros outros executantes de tarefas menores; como carpinteiros, entre os que maior colaboração emprestaram ao andamento da construção, apontam-se Antônio Gonçalves Rosa, Bartolomeu Rodrigues Rabelo, José Gomes Loureiro, Francisco Gonçalves Martins, João Gonçalves Rosa, etc. Serviços especializados de entalhador foram, outrossim, realizados por João Antunes de Carvalho, que elaborou tôda a talha do altar-mor, por Jerônimo Félix Teixeira, que cinzelou em grande parte os dois altares laterais, concluídos por Manuel Rodrigues Coelho, artista que igualmente desempenhou outros importantes encargos, como a feitura do caixão do templo e o revestimento de madeira das paredes para servir de base às pinturas. Ainda na qualidade de entalhadores, exerceram atividade aí Francisco Vieira Servas, que esculpiu quatro anjos grandes para o altar-mor, Luís Pinheiro, que fabricou a primeira caixa do órgão, Manuel Gonçalves Bragança, autor da custódia para o Santo Lenho. Entre os pintores, três nomes preponderam sôbre os múltiplos artistas da paleta embelezadores do interior da capela: Bernardo Pires da Silva, que pintou em definitivo a capela-mor e dourou o altar de São Francisco, João Nepomuceno Correia e Castro, executante dos qua-

dros que ornam as naves maior e menor e autor provável do painel do fôrro do corpo da igreja, e João de Carvalhais, pintor e dourador do altar de Santo Antônio.

Concluída a ornamentação interior, por volta da penúltima década do século XVIII, cuidou-se do aformoseamento exterior. Projetou-se, então, monumental adro, adornado com bellissimas esculturas de pedra-sabão, a dominar a encosta fronteira, na qual se construíram seis capelinhas dentro dum jardim em declive, para abrigarem os Passos da Paixão do Senhor, inspirando-se tal concepção arquitetônica nos jardins adjacentes ao Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga (Portugal).

Para desempenhar essa estupenda empresa de estatuária, convocou-se o maior artista colonial brasileiro, o escultor Antônio Francisco Lisboa, cognominado o Aleijadinho, que deixou em Congonhas do Campo a sua obra máxima, consubstanciada em 66 figuras de tamanho natural, talhadas em cedro, protagonistas das cenas finais da vida de Cristo, e doze estátuas de vulto, esculpidas em pedra-sabão, a representarem profetas maiores e menores do Velho Testamento, destinadas aos parapeitos e ângulos do adro, também revestidos de esteatite. Prolongou-se de 1796 a 1805 o trabalho do Aleijadinho em Congonhas, o qual contou com a ajuda de alguns auxiliares escravos. A seguir, parte das figuras de madeira foi encarnada, conforme documentos explícitos, pelo célebre pintor Manuel da Costa Ataíde, e outra parte pelo discípulo deste, Francisco Xavier Carneiro, cujos comprovantes de ação não se acham, entretanto, assentados no livro de despêsa ainda existente.

Ao lado da construção material do templo, tratou-se de obter favores espirituais de Roma para a devoção em si, consubstanciados em vários **Breves** expedidos pelo Papa Pio VI, no ano de 1779, a outorgar diversas indulgências aos fiéis. Deram origem essas letras apostólicas aos festejos dos chamados **jubileus**, a princípio consagrados aos dias da Invenção e da Exaltação da Santa Cruz, celebrados em 3 de maio e 14 de setembro respectivamente. Por último, prevaleceu apenas este segundo acontecimento, concorridíssimo até os dias que correm, constituindo a solenidade máxima da devoção.

Afora o culto ao Crucificado, objeto primordial da instituição, estabeleceu-se uma casa de ensino anexa, a partir de 1828, a cargo, de início, dos padres lazaristas. Presentemente, acha-

se êsse colégio sob a orientação dos padres redentoristas, que o ampliaram sobremaneira, transformando-o em dois seminários ou juvenatos, onde se ministra curso completo de humanidades.

Como fatos de maior significação na vida do Santuário, sobressaem a sagração do altar-mor e a da igreja, ocorridas respectivamente em 1871 e 1921, e, por fim, a elevação à categoria de Basílica Menor, conseguida no ano bi-centenário de sua fundação, mediante o Breve Apostólico **Pietatis Artis que Monumentum**, expedido pelo Papa Pio XII, em 26 de julho de 1957, solenemente proclamado êsse título a 3 de maio de 1958.

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO